

ARTIGO

EDUCAÇÃO E BOLSA-ESCOLA

Antonio Ibañez

Brasília está perto de completar cinco anos de experiência da implantação do programa inovador Bolsa-Escola. Neste curto período de existência — pois em políticas públicas cinco anos é um tempo pequeno — o programa passou pelo teste inicial da experiência piloto no Paranoá; foi gradativamente implantado, após análise das dificuldades operacionais da primeira experiência, em outras cidades, até atingir, ultrapassando a meta prevista, 25,5 mil famílias e aproximadamente 50 mil alunos. Hoje, esta experiência está implantada em mais três estados e mais de duzentos municípios brasileiros e está sendo iniciada também no Equador. Na África, Ásia e América o programa está em fase de estudos.

Três principais fatores contribuíram para esta grande aceitação, tanto em nível nacional quanto internacional: 1. Dados da Secretaria de Educação do DF, de 1998, referente ao ano letivo de 1997, mostraram que os índices de evasão e de reprovação entre os alunos bolsistas foi de 0,65% e 7,9%, respectivamente. Entre os alunos regulares a evasão foi de 6,8% e a reprovação foi de 16,2%.

Só a comparação destes índices seria suficiente para concluir pelo sucesso do programa. No entanto, a análise da situação sócio-econômica dessas crianças revela que o programa não é somente um sucesso. Ele é a esperança da existência de um futuro para essas crianças!

Aqui estão algumas informações sobre esta análise:

- boa parte dos alunos beneficiários da Bolsa começaram na escola com uma defasagem média de idade/série de dois anos;

- parte destes alunos já havia desistido de estudar em razão de sucessivas repetências;

- todos os bolsistas viviam em situação de pobreza, sem condições mínimas de sobrevivência;

- existem, ainda,

aqueles alunos provenientes de famílias desestruturadas, vítimas de violência, com dificuldades de adaptação, baixa concentração, indisciplina e desinteresse pelos estudos.

Enfim, tratava-se de alunos que, em sua maioria, constituíam-se em grupos de excluídos social e economicamente e também pelo sistema educacional que vigorava até 1995.

2. Em 1998 a Unesco, Unicef e o Instituto Polis realizaram uma avaliação (Bolsa-Escola, Melhoria Educacional e Redução da Pobreza) tendo concluído que a Bolsa-Escola:

- melhora a qualidade de vida das famílias em condições de pobreza extrema;

- melhora as condições de acesso e permanência na escola dos setores sociais mais afetados pelos déficits educacionais;

- melhora a auto-estima e aumenta a esperança de futuro melhor nos setores mais carentes da população;

- evita o trabalho infantil;

- contribui para a geração de uma cultura escolar positiva em setores sociais tradicionalmente excluídos da escola, aumentando o gosto pela escola e pelo estudo, incrementando a participação das famílias no processo educativo dos filhos.

3. Os resultados do Programa Bolsa-Escola foram fruto de todo um trabalho levado em equipe dentro da Secretaria de Educação, que estudou, refletiu, analisou, ponderou e tomou decisões, desde o instante inicial, quando da estruturação do programa, passando, posteriormente, à sua implementação, com os controles de acompanhamento e exigindo, em todas as situações, o rigoroso cumprimento das normas e critérios estabelecidos.

A afirmação de que o desempenho dos alunos bolsistas é inferior aos dos alunos não bolsistas, reforça a justificativa da necessidade da existência de um programa como este, que evita a futura exclusão e ainda melhora os índices de repetência. No futuro, estes alunos poderão ter o mesmo desempenho que os não bolsistas ao invés da exclusão nas ruas.

■ Antonio Ibañez é ex-Secretário de Educação do DF.

